

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano I — Número 9

Setembro de 1963

## Meditação de um Novo Missionário em África

Minha esposa, meu filho e eu estamos passando a nossa primeira noite em África. No mesmo hotel está connosco um veterano missionário.

Há poucos momentos tivemos o nosso culto vespertino. Fomos encorajados pela estimulante afirmação de que «em África, na China, na Índia, há milhares, sim, milhões, que ainda não ouviram da verdade para este tempo. Eles devem ser avisados.» — *Testemunhos*, vol. 9, pág. 51. Agradecemos ao nosso Pai celeste por podermos estar em África.

Deus chama o Seu povo «para se aproximar de Cristo com abnegação e sacrifício» e tornar seu único objectivo «levar a mensagem de misericórdia a todo o Mundo.» — *Ibid.*, pág. 26. Deve ser decepcionante para nosso Senhor o termos durante tanto tempo deixado de viver nós próprios a vida cristã e de apresentar a Sua mensagem ao Mundo.

«Se cada soldado de Cristo tivesse feito o seu dever, se cada atalaia nos muros de Sião tivesse dado à trombeta um sonido certo, o Mundo já podia ter ouvido a mensagem de advertência. Mas a obra está com anos de atraso. Enquanto os homens têm dormido, Satanás tem-se-nos adiantado furtivamente.» *Ibid.*, pág. 29.

«Em que estamos pensando, para que assim nos apeguemos ao nosso amor egoísta da comodidade, enquanto por toda a parte ao nosso redor almas estão a perecer? Ficou-nos completamente calejado o coração? Não podemos ver nem compreender que temos uma obra para fazer em favor de outros? . . . Foi em vão que Ele vos enviou advertências após advertências da proximidade do fim? . . . Acreditais que os juízos de Deus impendem sobre os habitantes da Terra? Como, então, podeis ficar de braços cruzados, descuidosos e indiferentes? Cada dia que passa nos leva mais perto do fim. Leva-nos, também, para perto de Deus?» — pág. 27.

Prezados irmãos e irmãs, a África e um Mundo moribundo chamam-nos. Alguns têm o privilégio de trabalhar em países longínquos para apresentar o último apelo de misericórdia feito pelo Céu. Orai pela África, pela China, pela Índia, e pelo Mundo. Jesus «deixou o Seu lar celeste para nos procurar. Não nos tornaremos Seus sub-pastores, para procurar os perdidos e transviados?» — *Ibid.*, pág. 54.

Demo-nos a Cristo, para viver inteiramente a sua abnegada vida e para trabalhar pelos nossos vizinhos, amigos e queridos. Que o nosso único objectivo seja «levar a mensagem de misericórdia a todo o Mundo».

R. E. Delafield

# Uma Mensagem de Salvação para as multidões

por W. A. Wild

*O próximo dia 5 de Outubro é consagrado à Voz da Profecia. Quer as emissões, quer a Escola Rádio-Postal, têm sido o meio usado por Deus para muitas pessoas conhecerem a Mensagem. Particularmente neste dia procuremos fazer a possível publicidade e dar uma oferta liberal a fim de que a Mensagem pela Rádio e pela Escola Rádio-Postal possa continuar a ser transmitida em Angola.*

*O Pastor W. A. Wild, Secretário do Departamento da Rádio da Divisão Sul-Europeia, escreveu a propósito o artigo que segue.*

Nunca tivemos, na história da humanidade, a possibilidade de ganhar um tão grande número de almas e de levar uma mensagem de salvação a milhões de indivíduos ao mesmo tempo, como agora. Há mais de 30 anos que os adventistas estão «sobre as ondas», e se os nossos programas não foram logo difundidos senão por uma estação aqui ou ali, as nossas emissões de rádio e de televisão sobem hoje a 1.800 por semana!

Depois o Curso Bíblico por Correspondência—uma ideia vinda directamente de Deus—tomou forma por sua vez. Existem actualmente 120 destes cursos.

Foi por acaso que estas belas realizações surgiram nesta geração que vive numa época tão particular? Claro que não. Orámos durante muito tempo para que Deus nos fornecesse algum meio rápido de evangelizar o mundo e Ele no-lo enviou sob uma forma que nos permite atingir directamente as grandes multidões, não para as divertir, mas para as advertir, afim de que elas saibam que há uma esperança— a da próxima vinda de Jesus Cristo.

Na página 434 do volume II dos *Testemunhos*, lemos: «A mensagem da justiça de Cristo deve retinir de uma a outra extremidade da terra para preparar o caminho do Senhor».

Actualmente, não existe, por assim dizer, nenhum sítio da terra onde não se possa ouvir a nossa Mensagem «sobre as ondas». Nesmo na Nova Guiné, nesse vasto território inacessível à rádio e à televisão, os programas da Voz da Profecia ressoam, graças a gravações que os nossos obreiros retransmitem por alto-falantes colocados nos telhados das suas casas. Curiosos, os indígenas juntam-se para ouvir e o missionário pode então contar-lhes a história de Jesus. «Multidões não serão tocadas pelo Evangelho a menos que vamos anunciar-lho no seu próprio país». — *Parábolas de Jesus*, pág. 229.

Mas é necessário fazer mais ainda para levar o Evangelho às pessoas onde elas se encontram. A responsabilidade de espalhar o conhecimento das verdades bíblicas às multidões que por elas suspiram impende sobre nós, e devemos cumprir bem o nosso dever, quer seja por meio das ondas hertzianas ou do correio.

## Milhões de pessoas aguardam

Porque aguardam elas? Porque vivemos num tempo em que, por causa da situação internacional, o Cristianismo atravessa de novo uma crise terrível. A parte oriental do mundo não só não é cristã, mas é ainda anti-cristã. Pensamos primeiramente na China, com os seus 700 milhões, ou quase, de habitantes, e em todos os territórios sob o domínio de poderes que negam a existência de Deus e de Seu Filho Jesus Cristo. Actualmente a guerra mais impla-

*Continua na pág. 14*

# Escritos indevidamente incluídos na Bíblia

por Ernesto Ferreira

Algumas edições modernas da Bíblia apresentam escritos que não eram considerados como inspirados entre os judeus nem entre os cristãos primitivos. Esses escritos são para alguns conhecidos pela designação de *apócrifos*, para outros têm o nome de *deuterocanônicos*; na realidade, talvez se designassem melhor como *pseudocanônicos*.

São constituídos pelos livros de Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, Primeiro e Segundo de Macabeus, e ainda pelos seguintes fragmentos gregos embrechados no texto hebraico do Antigo Testamento: O Cântico dos Três Hebreus (66 versículos intercalados entre os versículos 23 e 24 de Daniel 3), a História de Susana (Dan. 13), as de Bel e o Dragão (Dan. 14) e sete capítulos no fim do livro de Ester.

## Critério a adoptar

Poderão estes escritos ser admitidos como pertencendo à Bíblia divinamente inspirada, ou deverão, pelo contrário, ser considerados como elaborações humanas indevidamente acrescentadas ao Sagrado Livro?

Como a divergência apenas incide sobre livros do Antigo Testamento, que já existiam no tempo de Jesus, um critério muito simples e racional podemos adoptar: aceitar como inspirados os livros que Jesus aceitou como tais.

E como Jesus se serviu da Bíblia usada pelos judeus da Palestina no Seu tempo, vem a propósito perguntar: Eram os escritos em questão aceitos pelos judeus da Palestina no século I da era cristã? Se eram, devemos aceitá-los, como aceitos também por Jesus; caso contrário, devemos rejeitá-los.

## A Bíblia judaica do tempo de Jesus

Para sabermos quais os livros usados pelos judeus no século primeiro, é de inestimável valor o testemunho de Flávio Josefo, que nasceu em Jerusa-

lém pouco depois da morte de Jesus. Eis as suas palavras: «Não temos entre nós (como os gregos) uma inumerável multidão de livros, discordando entre si e contradizendo-se uns aos outros, mas apenas vinte e dois, que contêm os registos de todos os tempos passados, e nos quais temos justas razões para crer que são divinos... E' verdade que desde Artaxerxes muito particularmente tem sido escrita a nossa história, mas não tem sido considerada de autoridade igual à anterior pelos nossos antepassados, porque não houve uma exacta sucessão de profetas desde aquele tempo.» (*Resposta a Apio*, livro I, 8).

O célebre general-historiador estabelece, pois, uma diferença nítida entre os vinte e dois livros (pelos quais — escreve algumas linhas adiante — todo o judeu estaria pronto a dar a vida) e os outros, a que não tinha sido atribuída igual autoridade.

Os vinte e dois livros, correspondentes às vinte e duas letras do alfabeto hebraico, eram assim distribuídos:

### I — LEI (*Torah*)

1. Génesis
2. Êxodo
3. Levítico
4. Números
5. Deuteronomio

### II — PROFETAS (*Nebhiim*)

#### a) *Primeiros*

6. Josué
7. Juizes com Rute
8. Samuel
9. Reis

#### b) *Últimos*

10. Isaías
11. Jeremias e Lamentações
12. Ezequiel
13. Os doze (Profetas Menores)

### III — AGIÓGRAFOS (*Kethubhim*)

14. Salmos
15. Provérbios

16. Job
17. Cântico dos Cânticos
18. Eclesiastes
19. Ester
20. Daniel.
21. Esdras e Neemias
22. Crônicas

Segundo esta disposição verificamos que, como ainda hoje sucede, o primeiro e o último livros da Bíblia hebraica eram, respectivamente, o Génesis e Crônicas (e não Macabeus), ficando excluídos os Pseudocanônicos.

Sendo assim, compreendemos por que Jesus, verberando a maldade dos escribas e fariseus hipócritas, lhes lembrou o sangue dos justos derramado sobre a terra desde Abel até Zacarias, filho de Baraquias (Mat. 23:35), isto é, o sangue justo a que se refere a Bíblia, desde o seu primeiro livro (Génesis — Abel) até ao último (Crônicas — Zacarias, e não os Macabeus). Compreendemos também por que Jesus nunca tenha citado qualquer dos Pseudocanônicos.

E qual o motivo porque estes últimos livros não eram admitidos no Canon hebraico? A razão, claramente exposta por Flávio Josefo, é convincente: «porque não houve uma exacta sucessão de profetas desde aquele tempo». Esse mesmo facto foi reconhecido pelo próprio livro I de Macabeus: «Levantou-se uma tão grande tribulação em Israel que não se tinha visto outra assim desde o tempo em que os profetas tinham desaparecido de Israel.» (I Mac. 9:27). Escreveu S. Jerónimo: «Depois de Ageu, Zacarias e Malaquias eu não tinha visto nenhum outro profeta até João Baptista». (*In Isa.*, XLIX, 21). Por sua vez, S. Agostinho assim se expressa: «Durante todo o tempo que decorreu desde o regresso de Babilónia, os judeus não tiveram profetas até à chegada de nosso Senhor, a não ser Zacarias, pai de João Baptista, Isabel, Ana e o velho Simeão». (*Cidade de Deus*, liv. XVIII, cap. 24).

Os Pseudocanônicos não foram admitidos pela Igreja Primitiva

Seria de estranhar que, através dos séculos, se reconhecesse como inspira-

do um Antigo Testamento diferente daquele que reconheceu Jesus. Mas assim não sucedeu. Quase todos os grandes escritores da Igreja, desde o início até ao século XVI, não admitiram os pseudocanônicos como inspirados.

Eis apenas alguns exemplos:

*Sec. III*—Entre os escritores do século III destaca-se Orígenes, quer por ser o que mais se notabilizou no estudo da Bíblia, quer por ter usado largamente a versão dos LXX. Na sua exposição do Salmo I, diz ele: «Deve observar-se que os livros canônicos, usados pelos hebreus, são vinte e dois, segundo o número das letras do seu alfabeto». (Cit. por Eusébio, *Hist. Eccl.*, VI, 25).

*Sec. IV*—S. Atanásio, na sua «Epistola Festale», depois de enumerar os livros canônicos, acrescenta: «Para maior exactidão devemos acrescentar que, além destes livros, há ainda outros que não são canonizados, é verdade, mas que foram aconselhados pelos Pais para serem lidos por aqueles que, novamente vindos até nós, têm desejo de ser ensinados na palavra da piedade» (e cita a seguir os pseudocanônicos).

S. Gregório de Nazianzo, depois de enumerar os livros do Antigo Testamento, diz: «Apresentei os vinte e dois livros do Velho Testamento correspondentes às vinte e duas letras do alfabeto dos hebreus». (*Cant. Dos livros legítimos da Escritura teopneústica*).

S. Cirilo de Jerusalém: «Lê as divinas escrituras, os vinte e dois livros do Velho Testamento... mas não tenhas nada de comum com os apócrifos. Não te apliques com cuidado senão aos únicos livros que nós lemos e reconhecemos francamente dentro da Igreja.» (*Catequeses*, 4<sup>a</sup>, sob o título «Das Escrituras Divinas»).

S. Epifânio: «Além dos vinte e sete livros dados por Deus aos Judeus e contados por eles como vinte e dois livros, há também, independentemente dos apócrifos, dois outros que são por eles contestados: a Sabedoria de Sirach e a de Salomão. Estes dois livros são sem dúvida, úteis e proveitosos, mas não estão contidos no número dos que é permitido publicar (ou livros fiados e combinados); por isso não fo-

ram colocados à parte, na arca da aliança». (Adv. Haer., 76).

Entre todos os escritores eclesiásticos do século IV nenhum tem mais importância, porém, do que S. Jerónimo, porque foi ele o tradutor da Bíblia para o latim, e foi a sua tradução que se tornou oficial na Igreja Católica. Entre outros doze testemunhos, apresenta o seguinte: «Assim como a Igreja lê os livros de Judite, Tobias e Macabeus, mas não os recebe entre as Escrituras canônicas, assim também lê estes dois volumes (Sabedoria e Sirach) para edificação do povo, e não para confirmar autoridade de dogmas». (Praef. in Prov. Salom.)

*Sec. VI* — Leão de Bizâncio adere ao canon hebraico, omitindo inteiramente os apócrifos. (De sectis, cap. 2).

*Sec. VII* — O papa S. Gregório Magno, ao citar Macabeus, pede licença para citar o testemunho de um livro não canônico, mas publicado para edificação da Igreja. (Moral. in Job, XIX, 17).

*Sec. VIII* — S. João Damasceno enumera os livros do Antigo Testamento, desconhecendo a existência dos pseudocanônicos. (De Orthod. Fide, IV, 17).

*Sec. XII* — Hugo de S. Vítor (Elucid. de SS., cap. 6) e Pedro de Cluny (Epist. II) admitem também só os vinte e dois livros do canon hebraico.

*Sec. XV* — Dionísio Cartusiano, no prólogo do seu comentário ao livro de Sabedoria, escreve: «Este livro não está no Canon, posto que ninguém duvide da sua veracidade.»

*Sec. XVI* — De 1502 a 1517, o célebre Cardeal Ximenes, arcebispo de Toledo e fundador da Universidade de Alcalá, publicava a sua notabilíssima Bíblia Poliglota, não receando asseverar no prefácio desta obra que «os livros de Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico e os Macabeus, assim como as adições a Ester e Daniel, não são escrituras canônicas».

O Cardeal Caetano, pouco antes do Concílio de Trento, na dedicação a Clemente VII do seu comentário aos livros históricos do Velho Testamento, escreve: «Toda a Igreja latina tem uma grande dívida para com S. Jerónimo por ter distinguido os livros canônicos dos não

canônicos, pois ele nos libertou da censura dos hebreus de que estabelecemos como fazendo parte do canon livros ou partes de livros que eles omitem inteiramente». E continua, a propósito dos capítulos apócrifos de Ester: «Estes livros não são canônicos para confirmar as coisas da fé».

Na impossibilidade de estender esta lista de nomes, registemos o número de testemunhos que Gausson apresenta contra os apócrifos, até ao século XVI. Na Palestina e Síria, quatro; na igrejas apostólicas da Ásia Menor, três; na Frígia, Capadócia, Licaônia e Chipre, quatro; no Egipto, três; nas igrejas de Africa, seis; nos cinco Patriarcados, sete; na Grécia, sete; na Itália, seis; na Espanha, cinco; em França, catorze; na Alemanha e Países Baixos, onze; em Inglaterra, sete. Total: *setenta e sete*.

O conteúdo dos pseudocanônicos não está de acordo com a Bíblia

Já vimos que tanto os judeus como os cristãos primitivos não aceitavam como inspirados os pseudocanônicos.

Uma das razões apresentadas para a sua rejeição é o facto de terem sido escritos quando não havia profetas.

Mas o próprio exame destes livros mostra não terem sido inspirados. Vejamos alguns pormenores.

Nenhum escritor inspirado poderia ter escrito o que se encontra na seguinte declaração do autor do segundo livro de Macabeus: «O que Jasão de Cirene escreveu em cinco livros, procurámos nós resumir num só volume».

«Porei aqui fim à minha narração. Se ela está bem e como convém à história, isso é também o que eu desejo; mas se, pelo contrário, é menos digna do assunto, deve-se-me perdoar». (II Mac. 2:24; 15:38, 39).

Nos livros pseudocanônicos encontram-se:

### 1. *Inexactidões históricas*

O livro de Sabedoria pretende ter sido escrito por Salomão (cap. 7; 9:7, 8), mas diz que nessa altura os israelitas estavam sujeitos aos seus inimigos, o que é falso.

Segundo o autor do respectivo li-

vro, Tobias morreu com 102 anos, ao passo que as indicações cronológicas do livro o levariam a morrer com 137 anos.

No livro de Judite, supõe-se que Nabucodonosor é rei dos assírios e vive em Nínive, a qual antes do seu reinado já tinha sido destruída.

Em Baruque, faz-se referência ao templo como estando de pé (1:7-10), quando na realidade já tinha sido queimado por Nabucodonosor.

Num capítulo apócrifo de Daniel vemos que este passou seis dias na cova dos leões (14:39), ao passo que no respectivo capítulo canónico se afirma que só passou uma noite. (6:16-22).

No primeiro livro de Macabeus lê-se que Alexandre repartiu o império entre os seus generais, estando ainda vivo, o que não está de acordo com a história (I Mac. 17); tampouco é exacto que Antíoco tenha sido feito prisioneiro dos romanos (I Mac. 8:7, 8).

Este mesmo Antíoco é apresentado como tendo morrido de três maneiras diferentes (Cfr. I Mac. 6:16; II Mac. 1:16; 9:28).

## 2. *Baixas normas de conduta*

A mentira é sancionada. Assim, no livro de Tobias, certo personagem a princípio apresenta-se como sendo um judeu da tribo de Naftali (5:7; 7:3), para em seguida dizer que é Azarias, filho do grande Ananias (5:18) e para acabar por confessar que é o anjo Rafael, «um dos sete que assistem diante do Senhor». (12:15).

A mentira e a dissimulação são igualmente elogiadas em Judite 13:19-22.

O suicídio é louvado em II Mac. 14:42.

## 3. *Doutrinas do paganismo greco-romano*

A pre-existência da alma e a reencarnação: «Eu, porém, era um menino de bom natural, e coube-me por sorte uma boa alma. Ou antes, como eu era bom, entrei num corpo incontaminado». (Sabedoria 8:19, 20).

Sacrifícios e orações pelos mortos: «Judas... tendo feito uma colecta, mandou doze mil dracmas de prata a Jerusalém, para serem oferecidas em sacrifício pelos pecados dos mortos». «É,

pois, um santo e salutar pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres dos seus pecados». (II Mac. 12:43, 46).

Justificação pelas obras: «A esmola livra da morte (eterna) e é a que apaga os pecados, e faz encontrar a misericórdia e a vida eterna». (Tobias 12:9; cfr. 4:10-12).

## Como foram incluídos na Bíblia os pseudocanónicos

Em 8 de Abril de 1546, depois de acalorada discussão, porquanto se manifestaram nada menos de quatro correntes diversas, procedeu-se à votação, obtendo a maioria de votos a proposta a favor da colocação destes livros em paridade com as Escrituras Sagradas. No Concílio de Calcedónia que, em 451, sancionara o decreto do Concílio de Laodiceia, em que foram rejeitados os pseudocanónicos, encontravam-se presentes 630 bispos; mas ao abrir o Concílio de Trento apenas se achavam 43, e poucos mais se encontravam presentes na altura em que esta decisão foi tomada.

Se procurarmos os argumentos aduzidos para a inclusão destes escritos na Bíblia, podemos reduzi-los a dois: o facto de estarem incluídos na versão grega dos LXX e algumas frases dos Padres, sobretudo de S. Agostinho, susceptíveis de ser interpretadas nesse sentido.

A associação dos pseudocanónicos à tradução dos LXX representa apenas a colectanea dos escritos mais significativos sobre a história e a civilização hebraicas capazes de interessar o mundo helenístico e ao mesmo tempo as tendências liberais dos judeus da Diáspora em contraste com o tradicionalismo dos Judeus da Palestina.

Quanto a citações isoladas de S. Agostinho e de poucos mais, aliás contrabalançadas por afirmações de sentido contrário pelos mesmos autores, são de valor deminuto quando comparadas com o testemunho da grande maioria dos Padres da Igreja.

A verdadeira razão para estes escritos serem incluídos na Bíblia parece ter sido antes o esforço de encontrar

Continua na pág. 13

# OS ADVENTISTAS E A DISCIPLINA DE RELIGIÃO E MORAL NAS ESCOLAS

Segundo os programas oficiais, tanto do ensino primário como do secundário, a disciplina de Religião e Moral deve ser ensinada, nas escolas do Estado, de acordo com os princípios da Igreja Católica.

Por outro lado, a Constituição reconhece a todos os cidadãos «a liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas, não podendo ninguém por causa delas ser perseguido, privado de um direito, ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico.» (Artº 8º, n.º 3).

Segundo o n.º 5 do mesmo artigo, é igualmente respeitada «a liberdade de ensino» e, para esse efeito, pertence ao Estado «facilitar aos pais o cumprimento do dever de instruir e educar os filhos». (Art. 14º, n.º 4).

Estes princípios aplicam-se não só à Metrópole mas também às Províncias Ultramarinas. Com efeito, segundo o Art. 139, «o Estado assegura nos seus territórios ultramarinos a liberdade de consciência e o livre exercício dos diversos cultos».

Sendo assim, é lógico que os alunos não-católicos não sejam constrangidos a assistir a aulas em que são ensinados princípios de uma religião diferente da sua.

É por isso que diversos diplomas oficiais claramente estabelecem que os alunos não-católicos podem ser dispensados da disciplina de Religião e Moral tal como é oficialmente ministrada.

Segundo o art. 343, n.º 2 do *Estatuto do Ensino Liceal*, «serão dispensados, pelo Ministro da Educação Nacional, das sessões de Religião e Moral os alunos, cujos pais declarem pretender que eles não sejam educados segundo a religião católica».

Por sua vez, o *Estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial*, preceitua: «Serão dispensados, pelo Governador, da disciplina de Religião e Moral os alunos cujos pais declarem pretender que eles não sejam educados se-

gundo a religião católica. A declaração dos alunos maiores será feita pelos próprios». (Art 436)

Este princípio estende-se à própria Mocidade Portuguesa: «Podem ser dispensadas de tomar parte nos actos próprios da religião católica as filiadas que professem outra religião.» *Estatuto da Mocidade Portuguesa Feminina*, Art. 2

Estas normas de carácter particular para determinado ramo de ensino encontram-se generalizadas para toda a espécie de ensino ministrado no Ultramar:

«Manda o Governo da República Portuguesa, pelo ministro das Colónias, nos termos do artigo 91º da Carta Organica do império Colonial Português, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 23.228, de 13 de Novembro de 1933, que o ensino da religião católica seja ministrado aos alunos cujos pais, ou quem suas vezes fizer, não tiverem feito pedido de isenção.» (Portaria N.º 10.708, de 15 de Julho de 1944, publicada no *Boletim Oficial* de Angola, I Série, n.º 33, de 23 de Agosto de 1944.

Palavras semelhantes são usadas na Base LXXXI da actual Lei Orgânica do Ultramar: «O ensino ministrado pelo Estado, pelas missões católicas e pelas escolas particulares visa, além do revigoração físico e do aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, à formação do carácter, do valor profissional e de todas as virtudes morais e cívicas, orientadas aquelas pelos princípios da doutrina e moral cristãs, tradicionais do País, salvo se os pais dos alunos ou quem suas vezes fizer declararem não desejar que se lhes ensine a religião católica.»

Em vista destas disposições legais, é evidente que nenhum aluno adventista necessita de assistir às aulas de Religião e Moral ministradas por professores católicos.

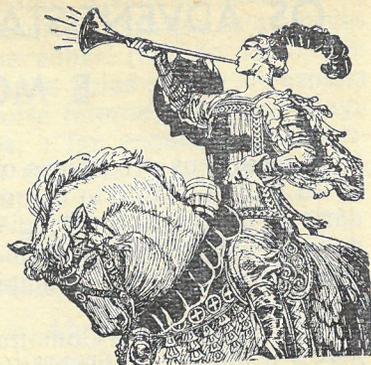
Para esse efeito basta que seus pais ou encarregados de educação dirijam a

*Ccontinua na pág. 9*

# Página

## da

# Juventude



## Acampamento dos M. V.

De 13 a 22 de Agosto realizou-se em S. Amaro, a 18 quilómetros de Nova Lisboa, o Acampamento dos M. V. da União, de 1963.

O local, perto do rio Culimahala, e servido por uma vala de água, oferecia as comodidades que se podiam desejar para o efeito. A vegetação, com as suas tenras folhas a despontar, ostentava as primícias da primavera angolana. A inesgotável amabilidade do Sr. Soares e de sua Esposa, Sra. D. Aurora, completavam o encanto do ambiente.

Estiveram presentes 55 participantes, não só de Nova Lisboa mas também do Bongo, Luanda, Benguela, Sá da Bandeira e Moçamedes. Deram-nos o auxílio de sua experiência os irmãos obreiros João A. Esteves, António C. Lopes, Amílcar Lopes e suas respectivas esposas.

O programa diário, com alguns variantes, era o seguinte: às 6:30, Levantar; às 7, Içar a Bandeira, Ginástica, Devoção Matinal e Matabicho; às 8, Inspecção das barracas e Deveres do Acampamento; às 9, Cânticos e Classes Progressivas; às 10, Jogos; às 11, Banho; às 12, Almoço; às 14:30, Programa especial (que podia ser: «Parlamento sobre problemas da Juventude», «Normas de Cortesia», pintura de azulejos, etc.); às 15:30, Classes Progressivas; às 17, Jogos; às 18, Jantar; às 19:30, Fogo do Acampamento; às 21, Silêncio.

Na hora do Fogo do Acampamento cada delegação teve oportunidade de apresentar o seu programa, em dias di-

ferentes, e no fim da hora era lido o Jornal do Acampamento, em que não faltava a nota humorística. Na noite de Sábado, 17, houve uma sessão de filmes sobre a paisagem e a Obra em Angola, projectados pelo Pastor E. L. Jewell.

Se estes foram dias de boa camaradagem e de sã recreação, foram igualmente dias de inspiração espiritual. Particularmente inspirador foi o Sábado ali passado. Todos os jovens não baptizados fizeram a sua dedicação ao Senhor e os baptizados renovaram os seus propósitos de melhor vida cristã.

No dia 21, realizou-se a cerimónia de Investidura das Classes Progressivas, tendo sido investidos: 1 Pesquisadora, 13 Companheiros, 8 Amigos e 1 Abelhinha Laboriosa. Outros Jovens começaram ou continuaram durante o Acampamento o estudo de alguma Classe e terão a sua Investidura mais tarde, nas suas respectivas igrejas.

Foi este um Acampamento que em todos deixou boas impressões — tanto nos jovens que participaram como nas numerosas visitas de Nova Lisboa que assistiram a alguns programas.

E. Ferreira

## Quanto vale uma noiva

O jovem Carlos foi visitar seu tio Gregório, velho sisudo e faceiro, para participar-lhe o seu casamento.

—Pois bem, diz-me, meu Carlos, como é tua noiva?

— Ah, meu tio, ela é muito formosa. Então o velho, pegando num lápis,

escreveu numa folha de papel um grande zero.

—É também de família muito distinta, replicou logo Carlos.

O velho Gregório escreveu outro zero.

—É muito rica, acrescentou o jovem. E o velho escreveu outro zero.

—Tem muito talento. Ainda um zero.

—É muito instruída. E lá foi o sexto zero.

O noivo, já um tanto aborrecido com os zeros, acrescentou com certa energia:

— Mas, enfim, ela é também muito boa, virtuosíssima e piedosa.

Então o velho escreveu uma unidade antes dos seis zeros, e levantando-se abraçou o sobrinho e disse-lhe: Meu Carlos, a tua noiva vale um milhão. A virtude é a qualidade que dá valor a todas as qualidades da tua escolha. Sem esta unidade, a formosura, a nobreza, o dinheiro, as habilidades, o talento e a instrução nada valem: são zeros. Mas pelas virtudes adquirem um valor extraordinário.

Ah! se todos os noivos tivessem um coselheiro como o tio Gregório...

Semeador Baptista

### Camaradagem com Cristo

O professor J. A. Bengel, que ensinava numa escola de rapazes, era muito estimado pelos seus alunos, porque era bastante diferente dos outros professores. Sempre firme nos seus princípios, atraía a amizade de todos os seus alunos. Uma vez, um grupo de alunos resolveu descobrir donde é que vinha ao seu professor uma tal firmeza de carácter. Um dos rapazes resolveu espia-lo, na sua residência. O professor enviudara, pouco tempo antes; os filhos estavam casados; por isso vivia agora só. Sabendo que as portas estavam sempre abertas em casa do professor Bengel, o jovem facilmente se introduziu na sala donde poderia observar, perfeitamente, o professor. Chegou cedo e instalou-se convenientemente. Passaram-se horas e o professor não aparecia. O jovem já estava desesperado. Fi-

nalmente, já tarde, chegou o professor. Descalçou-se e pôs uns chinelos de quarto. Chegou uma cadeira para junto da mesa, sentou-se, abriu a Bíblia e começou a ler; leu durante uma hora e vinte minutos, tempo que pareceu infinito ao nosso rapaz. Então, muito naturalmente, e até com bastante reverência, o professor cruzou os braços sobre a mesa, encostou aí a cabeça, e disse, de maneira perceptível: «Obrigado, Senhor Jesus, pois ainda estamos nas mesmas relações. Boa noite.» Ergueu-se, fechou o livro e dirigiu-se para o leito. O rapaz saiu então cautelosamente e foi contar o que vira aos seus companheiros.

Através de uma camaradagem desta natureza, o Senhor Jesus torna-se, efectivamente, um nosso companheiro.

C. Lester Bond

### Os Adventistas e a disciplina . . .

Continuação da pág. 7

Sua Excelência o Governador Geral, através da respectiva escola, um requerimento pedindo que o aluno em causa, em virtude de não professar a religião católica, seja dispensado de assistir às aulas de Religião e Moral, ao abrigo da legislação em vigor.

E. Ferreira

Nota — Para o requerimento acima mencionado sugerimos a seguinte redacção.

Senhor Governador Geral de Angola  
Excelência

F . . . , encarregado de educação de . . . . . , filho do requerente (ou de . . . ), natural de . . . . , concelho de . . . , distrito de . . . , nascido a . . . de . . . de 19 . . . , aluno da Escola . . . . , de . . . , onde está matriculado com o n.º . . . para o ano lectivo de 19 . . . -19 . . . , desejando que, ao abrigo de legislação em vigor, o referido aluno seja dispensado das aulas de Religião e Moral em virtude de não professar a religião católica, Vem respeitosamente requerer a V.ª Ex.ª se digne conceder a respectiva dispensa.

Pede deferimento

. . . . . , de . . . . . de 19 . . .

Ass. reconhecida sobre selo de povoamento de 1\$00 e selo de assist. de 1\$00.

Em vez de «ao abrigo da legislação em vigor», será preferível mencionar, para os alunos do Ensino Liceal: «ao abrigo do artigo 343º, do Estatuto do Ensino Liceal»; para os alunos do Ensino Técnico: «ao abrigo do artigo 436º, do Estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial»; para os alunos da Instrução Primária: «ao abrigo da Portaria n.º 10.708, de 15 de Julho de 1944».

# Histórias Africanas



## Essanji oferece a Água da Vida

No princípio do trabalho missionário em Angola os crentes encontraram muitas dificuldades, pois eram vexados e perseguidos pelos próprios parentes e vizinhos. Essanji era um desses crentes antigos. Durante algum tempo viveu entre os parentes e vizinhos dando bom testemunho da sua fé e mostrando que a sua vida se tornara bem diferente do que era antes de ser convertido.

Mas em breve começaram a desprezá-lo por isso mesmo, e pouco tempo depois essa aversão aumentou até ao ponto do ódio. E então principiaram a molestá-lo. Um dia levaram-no para um mato denso, agrediram-no e deixaram-no na floresta, coberto de sangue.

Aconteceu que um amigo, também crente, passando por aquele caminho, encontrou o homem e levou-o para a Missão, onde lhe trataram os ferimentos.

Ora, depois de curado, ele disse que contava voltar à sua aldeia para ali continuar a pregar o Evangelho. Toda a gente se admirou muito, quando tal ouviu, mas ninguém conseguiu dissuadi-lo, e ele voltou para o seu antigo lar, onde reuniu o povo, e lhes contou a seguinte fábula.

«Vou contar-vos uma história. Houve em tempos uma seca, tão grande que todos os habitantes da terra sofreram sede e todas as colheitas se perderam. Por esse motivo muitos animais, entre eles o elefante, a onça, o leão, os antílopes de todas as variedades e até uma simples tartaruga, cheios de sede, reuniram-se na selva formando um grande círculo.

«Enquanto os animais discutiam o assunto da seca e, também, o que po-

deriam fazer para resolver esta grande dificuldade, a tartaruga saiu do círculo e disse: 'Amigos, ouvi o que vos digo: eu sei onde se encontra água'. Ao ouvir estas palavras, a onça zangou-se achando-as atrevidas e atirou-a para fora do círculo. Mas, como se sabe, a tartaruga tem as costas duras, e a queda não a magoou. Por isso, entrando novamente no círculo donde a haviam arrojado, repetiu a afirmação: 'Eu sei onde se encontra água'. Agora foi o elefante que se zangou e pisou com as fortes patas o pobre animal. Mas, bem sabemos que as costas da tartaruga são muito fortes, por isso nada sofreu com a brutalidade do elefante. E, saindo ilesa, pela terceira vez ela repetiu: 'Eu sei onde se encontra água'. Ao ouvir novamente estas palavras, o antílope respondeu-lhe: 'Olha lá, ó tartaruga; se tu sabes onde há água, ensina-me o caminho'. Então a humilde e mansa tartaruga, com muita paciência, ensinou a todos os animais o caminho para a água, que se achava numa caverna, e todos assim escaparam a uma morte certa».

Essanji, depois de contar a fábula, continuou dizendo: «Meus irmãos, podeis falar mal de mim, podeis perseguir-me, podeis até roubar-me e espancar-me, mas isso não me faz diferença nenhuma. Tenciono permanecer aqui, pregando o Evangelho, porque já encontrei a bendita água da vida eterna. No Evangelho de S. João lemos aquelas palavras do Senhor Jesus: 'Aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele fonte de água que salte para a vida eterna'».

# Conferência das Igrejas de África

De 20 a 30 de Abril de 1963, estiveram reunidos em Kampala, Uganda, 340 delegados e observadores de 42 países africanos, para estudar os assuntos de maior interesse para a Igreja Cristã em África.

Nessas reuniões ocuparam lugar de destaque representantes do Conselho Mundial das Igrejas, entre os quais o secretário-geral desta Organização, Dr. W. H. Visser't Hooft.

Uma das características desta Conferência foi o confessado desejo de uma união maior entre as diferentes igrejas. Foi dado o mais caloroso acolhimento aos três observadores oficiais da Igreja Católica, que estiveram presentes. A unidade pretendida pela Assembleia foi oficialmente definida como «uma unidade que procuramos entre nós próprios, entre nós e as igrejas independentes, e entre nós e a Igreja Católica Romana.»

Outra característica foi a tendência extremista de alguns delegados na defesa da «africanização» da Igreja em oposição com as influências missionárias e a cultura ocidental. Mas diga-se em defesa da verdade, a atitude oficial da Assembleia foi mais moderada. Com efeito, a Assembleia pronunciou-se no sentido de que «tanto a Igreja em África como as Igrejas assistentes devem acautelar-se no sentido de que a proporção entre o pessoal ministerial local e europeu na Igreja africana se mantenha num sadio equilíbrio». A Assembleia reconheceu ainda «que a Igreja local deve sempre ter presente a sua relação com a Igreja universal em todo o mundo... deve tanto quanto possível cooperar com as outras Igrejas... no Mundo como um todo.»

Sobre a vida familiar em África, o respectivo grupo de estudo declarou que «o costume do alambamento está ultrapassado e deve agora ser abolido. ... É opinião unânime deste grupo que a monogamia é a expressão do espírito de Cristo. Esta é a norma a ser colocada perante o nosso povo.»

Acerca dos obreiros a Assembleia adoptou um relatório, segundo o qual «o tempo presente requer um ministério bem preparado e profissional assistido por um volume cada vez maior de obreiros voluntários». A Assembleia foi mesmo ao ponto de sugerir que a Igreja africana comece o tomar sobre si «uma parte razoável do custo do salário e subsídios dos obreiros estrangeiros».

Quanto a métodos de trabalho, foi dito: «A Igreja está ainda ligada a métodos antiquados de trabalho para atingir um mundo que está passando à sua porta com uma sempre crescente velocidade. ... Com vergonha admitimos a total insuficiência dos nossos esforços no passado para apresentar Cristo, a viva palavra de Deus, através da literatura e dos meios da comunicação social.»

Foi ainda dito: «Há mais não-cristãos no mundo hoje do que no dia em que Jesus Cristo foi pregado na cruz. ... Outro bilião de pessoas ainda não ouviram que Cristo morreu por elas. ... Os vários instrumentos de literatura e rádio actualmente usados em África podem, por si mesmos, tocar apenas a orla da oportunidade que está perante nós. Continuaremos a fazer pouco mais do que brincar com os problemas da distribuição de livros cristãos até ao tempo em que cada obreiro da igreja em rodas leve uma caixa de livros para vender, e até que haja em cada congregação membros que considerem a venda de livros como uma vocação divina. Hoje não há limite para a quantidade de literatura que pode ser vendida. O problema fundamental da sua distribuição... ficará sem solução até que aumentemos em dezenas de milhares o actual número dos que consideram a venda de livros e de jornais como parte do ministério da Igreja em favor do Mundo.»

O apelo final da Conferência pode resumir-se nas seguintes palavras: «É

*Continua na pág. 14*

# A Mensagem Adventista no Mundo

## A Mensagem entra nas Montanhas de Taita

Há já alguns anos, um colporteur anónimo fez o seu caminho a pé desde Tanganica até ao Quénia. No seu caminho vendeu livros nas aldeias por onde passava. Pouco depois de entrar no Quénia, foi até às Montanhas de Taita, a cerca de 150 quilómetros de Mombaça. Nessas montanhas encontrou pessoas de muitas tribos—os Galos da Etiópia, os originários do Rio Sabaka e grandes grupos de Ukamba.

Uma noite o colporteur dormiu numa casa que pertencia a Adão, diácono de uma igreja protestante. Ao partir de manhã, depois de ter orado com Adão e sua família, o colporteur deu-lhes um pequeno livro que continha uma mensagem acerca do verdadeiro Sábado. Adão não ficou interessado, e deixou o livro na sua estante durante vários anos.

O colporteur continuou o seu caminho e dois dias depois chegou a casa de Simeão, um activo político. Ali também deixou um livro. Como Adão, porém, Simeão não se interessou, e durante quatro anos o livro não foi lido.

Um dia Adão, que era agricultor, foi ao mercado vender alguns dos seus produtos. No mesmo dia Simeão foi de sua casa em direcção oposta para comprar comida. Antes de sair de casa, procurou algo para ler no caminho, e os seus olhos caíram sobre o pequeno livro em que ele não tinha tocado por tantos anos. Levou-o consigo, e ao sentar-se no mercado passou os olhos pelas suas páginas. Quando estava a ler, Adão passou por ele, e vendo o pequeno livro nas mãos de Simeão, reconheceu que era o mesmo que ele tinha recebido do colporteur. Os dois homens começaram a falar acerca do livro, e concordaram em encontrar-se de novo para discutirem a sua mensagem de uma maneira mais pormenorizada.

Depois de alguns meses concordaram ambos que o livro continha a ver-

dade, e procuraram uma igreja que guardasse o verdadeiro Sábado. Acharam a Voz da Profecia. Em 1962 conduzimos reuniões públicas nas Montanhas de Taita, e criou-se algum interesse. Durante as reuniões Adão entregou completamente o seu coração ao Senhor e aceitou a mensagem Adventista. Ele também deu um lote de terreno para a igreja e construiu um pequeno edifício destinado ao culto—o nosso primeiro neste território onde ainda não tínhamos entrado.

No fim de 1962 conduzimos um pequeno esforço neste distrito e regozijámo-nos ao ver quatro pessoas entrarem nas águas do baptismo. Este pequeno grupo é agora constituído por cerca de doze pessoas. Agradecemos a Deus por estes primeiros frutos numa nova parte do nosso território missionário. — *A. H. Brandt.*

## O espírito dos pioneiros no Tanganica

Em 1914 quatro obreiros africanos — Pedro Mulungwana, Isaías Fue, Filipe Sakisago e Daniel Muenda — aceitaram o chamamento para abrirem o trabalho entre a tribo Wasakuma. Este novo campo de trabalho não era a mais de 800 quilómetros dos belos Montes Pare do Tanganica, onde viviam, mas estes quatro pioneiros foram verdadeiramente missionários estrangeiros. A língua, os costumes, os hábitos dos Vasakumas são muito diferentes dos seus próprios.

Eles esperam que o missionário europeu encarregado daquela secção os visitasse, mas passaram-se meses sem que nenhum missionário aparecesse. Passado mais de um ano, souberam que os seus dirigentes europeus, sendo alemães, tinham sido obrigados a retirar-se, devido à Grande Guerra. Em 1921, S. G. Maxwell visitou a terra dos Wasekumas e ficou pasmado ao verificar que sem qualquer direcção da sede e sem qualquer salário, aqueles homens tinham permanecido fiéis à sua

comissão. Um tinha adormecido em Jesus, mas os outros três tinham continuado a trabalhar e estavam animados. Deus tinha abençoado seus esforços, e em diversas aldeias havia crentes aguardando o baptismo.

Hoje o Pastor Mungulwana, um dos primeiros quatro, com perto de 80 anos, passou à aposentação. Perguntaram-lhe se queria voltar para a sua própria terra. «Não», respondeu ele, «este agora é o meu povo, e enquanto eu tiver forças quero trabalhar aqui. Quando Jesus vier Ele achar-me-a na vinha para a qual me chamou há perto de 50 anos. Se a obra não estiver terminada dentro de poucos anos, na altura da Sua vinda Jesus me chamará da sepultura nesta terra.»

Quando Jesus vier, os corações dos nossos missionários pioneiros europeus encher-se-ão de acções de graças ao verem as centenas e milhares dentre a tribo Wasakuma, cujos membros de igreja hoje ultrapassam o número de 3.000. — *T. M. Ashlock.*

### Uma nova luz em Barotselândia

Por vezes os médicos missionários são tentados a desanimar porque os doentes aceitam alegremente o auxílio médico mas parecem desinteressados do auxílio espiritual. Tomai Pelekelo, por exemplo. Ele estava gravemente doente quando foi ao nosso Hospital de Yuka, e ficou em tratamento durante um longo tempo. Ouviu muitas histórias bíblicas. O capelão falou-lhe muitas vezes. Testemunhou o poder de Deus noutros doentes, e sentiu esse mesmo poder na sua própria vida à medida que gradualmente recuperava a sua saúde. Todavia a sua vida não se transformou.

Mas há outro aspecto mais feliz desta história. Ao lado de Pelekelo durante todas estas semanas esteve a sua fiel esposa, Masisiku, cozinhando para ele e cuidando das suas necessidades. Também ela ouviu as mesmas histórias bíblicas e testemunhou o poder curador de Deus em acção no seu marido. Ela não perdeu nenhuma oportunidade de assistir ao culto da manhã no dispensário, onde aprendeu os hinos

de que tanto gostamos. Como Maria, «ela guardou no seu coração todas estas coisas».

Na devida altura, Pelekelo e Masisiku voltaram para a sua aldeia, a uns doze quilómetros de Yuka. No primeiro Sábado, ela resolveu ter a Escola Sabatina. Sentou-se debaixo de uma árvore perto da sua cubata e começou a cantar alguns hinos que tinha aprendido. Em breve os vizinhos se reuniram em volta, perguntando: «Que estás a fazer, Masisiku?»

«Vamos ter a Escola Sabatina, exactamente como a têm no hospital», respondeu ela. E isso é o que ela fez. Teve a Escola Sabatina, com cânticos, oração, estudo da lição — e até levantou uma oferta!

Cada semana vinham vizinhos mais interessados, e Masisiku ensinava-lhes as histórias que tinha aprendido. Passado algum tempo foi ter com o capelão do hospital, levando as ofertas que tinham levantado e pedindo que alguém fosse enviado para lhes ensinar mais.

Foi decidido fazer-se uma campanha de evangelização na aldeia de Masisiku. Com algum auxílio financeiro por parte do hospital, eles construíram uma linda igreja na vizinhança da aldeia. *Roberto M. Buckley*

---

### Escritos indevidamente incluídos na Bíblia

*Continuação da pág. 6*

justificação escriturística, pela reacção da Contra-Reforma, para algumas doutrinas denunciadas pelo protestantismo como não tendo apoio bíblico.

#### Conclusão

Resumindo, podemos concluir que os escritos pseudocanónicos, não reconhecidos pelos judeus nem pela Igreja dos primeiros séculos, não foram retirados da Bíblia quando nela deviam figurar.

Pelo contrário, são escritos humanos abusivamente acrescentados à Palavra de Deus. E, como se lê em Provérbios 30:5, 6, «toda a Palavra de Deus é pura: escudo é para os que confiam n'Ele. Nada acrescentes às Suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso».

## Uma Mensagem de Salvação . . .

*Continuação da pág. 2*

cável, a mais científica, contra a religião e não apenas contra o Cristianismo, está em preparação. Um destes poderes políticos ateus distribuí, por sua própria conta, sobre toda a superfície da terra, dezenas de milhares de contos de impressos por ano, a maior parte dos quais gratuitamente. E os que são vendidos são-no por um preço muito inferior ao do seu valor comercial. Imaginai o que representam esses milhares de contos por ano de propaganda: revistas, jornais, diários, hebdomários, folhetos ou livros! E estes escritos em quantidade inacreditável são anti-cristãos!

Constatamos também que o Islão passa por um grande despertar, e o que nós chamamos cristandade—contando todos os católicos e todos os protestantes juntos—está completamente envolvida pelo ateísmo, o Islão e o paganismo. Também o paganismo está em pleno ressurgimento. Em tais condições, podemos perguntar o que acontecerá com o Cristianismo. Será ele reduzido a um corpo insignificante de crentes? Estarão os seus dias contados? Podemos responder «Não», apoiando-nos no exemplo do passado, pois esta situação se repetiu várias vezes no decurso da história, mas Deus sempre preservou a fé cristã e a fez triunfar.

### Uma Voz que vem de Deus

Temos a certeza de viver uma época que oferece à humanidade a sua mais bela ocasião de salvação e a mais bela eperança que há. Por que razão? Porque por toda a parte as pessoas estão desejosas de saber o que sobrevirá ao mundo. A angústia infiltrou-se no profundo do seu coração, e elas anseiam que lhes dirijamos palavras de conforto. A rádio desempenha esta função. É uma voz vinda de Deus que os homens têm necessidade de ouvir, uma voz que lhes leva a Palavra de Deus. É por esta razão que pedimos a todos os nossos membros que intercedam para que o amor de Cristo e um zelo fervoroso pelos outros se ma-

nifestem de novo nos Seus discípulos, incitando-os a fazerem tudo o que podem para proclamar a última mensagem pela rádio e por meio dos cursos bíblicos por correspondência. As emissões tornam-se caras. É-nos necessário despendar somas maiores do que no passado para conservar as nossas estações actuais, e temos necessidade de mais fundos para utilizar novas estações. Nós as temos em vista, mas se não conseguirmos ajuntar o dinheiro necessário, corremos a risco de as perder em favor de outros.

Desejamos exprimir aqui a todos os membros a nossa profunda gratidão pela maneira generosa e espontânea como têm concedido a sua assistência financeira à causa da rádio e dos cursos bíblicos até ao presente, e sabemos que cada um dará ainda mais do que no passado, a fim de que a oferta recolhida corresponda às nossas necessidades.

## Conferência das Igrejas de Africa

*Continuação da pág. 11*

apenas pela investigação das Escrituras que podemos achar Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. A vós que vos encontrais nas Igrejas pedimos que, ao enfrentar todos os vossos problemas, vos volteis de novo para o estudo das Santas Escrituras».

Permita o estudo da Bíblia Sagrada que as preocupações ecuménicas das diferentes denominações cristãs de África as não levem a apartar-se dos princípios que deram grandeza ao Movimento da Reforma.



Alguns jovens da Igreja de Sá da Bandeira

# Notícias do Campo

## Chegada de novos obreiros

No dia 26 de Julho, vindo da Metrópole, chegou ao Lobito o Ir. Amílcar Lopes, acompanhado de sua Esposa D. Maria Amélia e de seu filho Teófilo Paulo. Este casal missionário vai trabalhar para o Bongo — o Ir. Amílcar como professor do Instituto e D. Maria Amélia como enfermeira no Hospital.

No mesmo dia, chegou a jovem Irmã Ester Reynolds Duarte, que exercerá o ministério de professora no Instituto.

A estes novos missionários apresentamos as mais cordeais boas-vindas.

## Dr. David J. Parsons

Durante alguns meses temos connosco o Dr. David J. Parsons, que em Lisboa completou o Curso de Medicina Tropical e chegou a Angola em 11 de Agosto. Sua Esposa e Filhos precederam-no de alguns dias, pois chegaram no dia 26 de Julho.

Até ao seu regresso à Metrópole, desejamos-lhes feliz estadia no nosso meio.

## Consagração ao Ministério

Por altura do Congresso do Bongo, foram consagrados ao ministério, no dia 31 de Agosto, os Irs. Esaú Isaías, Moisés Chandala e Zeferino José. O sermão foi proferido por E. Ferreira, a oração de consagração por E. L. Jewell, a investidura pelo Dr. Roy B. Parsons e as boas vindas foram dadas por F. Dietrich.

Permita o Senhor que o ministério destes novos pastores seja grandemente abençoado.

## Campo Missionário de Nova Lisboa

### Congressos

Os congressos do Campo Missionário de Nova Lisboa foram ricamente abençoados. As mensagens ouvidas foram verdadeiramente inspiradoras e temos a certeza de que contribuíram para a edificação espiritual de todos quantos as ouviram.

O primeiro congresso realizou-se na aldeia de Lufefena, de 1 a 3 de Agosto. Foi grande a alegria dos 632 presentes quando lhes foram apresentadas as visitas. Uma delas, o Pastor Jeremias Minganjo, do Campo Missionário da Luz, é um obreiro com larga experiência na Obra do Senhor e que, por isso, pôde trazer a todos a inspiração e a sabedoria da sua longa vida de consagração. Foram especialmente apreciadas as suas ilustrações da vida dos quicocos e os inúmeros provérbios da mesma tribo que ele citou. As suas mensagens foram habilmente traduzidas pelo irmão Carlos Pa-

checo, que há muito vive na região do Moxico e que se encontra de visita à sua terra.

Outra visita que a todos agradavelmente surpreendeu com o seu domínio do *umbundu* foi o Prof. Orlando de Albuquerque, da Missão do Bongo. Foi a primeira vez que participou em congressos, mas logo deixou um amigo em cada presente e as suas mensagens serão lembradas por muito tempo. Uma das ilustrações, *Epumumu ka li kuate utima* (o perú bravo não tem coração) foi muito apreciada e comentada por todos os que a ouviram.

Durante o congresso de Lufefena, 22 almas responderam ao apelo de dedicação e foram logo inscritas na Classe de Ouvintes. Durante a cerimónia dos baptismos, 35 almas desceram às águas testemunhando assim o seu desejo de seguirem a Cristo.

O congresso que se seguiu teve lugar em Sacambuta, de 8 a 10 de Agosto. Quando o missionário e as visitas chegaram à aldeia tiveram o privilégio de encontrar o Ex<sup>mo</sup> Administrador do Posto da Catata, Sr. Francisco Xavier Gonçalves, que já os aguardava. Cerca de 700 pessoas encontravam-se reunidas no já tradicional cercado de capim, cantando belos hinos e coros religiosos. Quando o Sr. Administrador do Posto e o Director do Campo entraram no recinto, todos se levantaram e, debaixo da sombra protectora da bandeira das quinas, entoaram vibrantemente o Hino Nacional, numa bela demonstração de civismo. O Director do Campo apresentou os cumprimentos de boas vindas a todos os presentes e, dum maneira especial, ao Sr. Administrador do Posto da Catata que, em seguida, tomou a palavra para exortar a todos a serem cristãos sinceros e cidadãos exemplares.

Neste belo congresso dedicaram-se 38 pessoas e baptizaram-se 60 novos irmãos.

Realizou-se outro congresso na aldeia de Ulembe, que foi igualmente concorrido e inspirador, tendo sido baptizadas também 60 almas.

Finalmente, no dia 24 de Agosto, na aldeia de Catapi, entre lindas montanhas, tivemos um Sábado abençoado. Com a presença de 475 pessoas, houve 21 dedicações e 12 baptismos.

Por motivos alheios à nossa vontade não nos foi possível realizar o congresso de Mangonga, mas esperamos ainda realizá-lo num futuro próximo.

José Eduardo Rodrigues

## Campo Missionário do Bongo

### Congressos

Realizaram-se de 8 a 25 de Agosto nada menos de seis congressos, ou seja, um em cada pastorado ou área, como usualmente se chama, e cada congresso constituiu um êxito

espiritual para a família adventista ali reunida.

Foi um privilégio ter connosco a colaborar com as suas belas mensagens inspiradas na Palavra de Deus nestes congressos os Irs. A. Valente, director do Campo Missionário da Namba, e Pastor Elias Samucanda, dirigente de uma das áreas daquele Campo. Creio poder afirmar que estes nossos irmãos foram uma bênção e uma inspiração para todos quantos tivemos o privilégio de ouvir as belas mensagens que nos trouxeram e de apreciar o seu convívio.

O povo adventista é um povo social e por isso gosta destes congressos e reuniões gerais, e estas reuniões têm grande alcance, pois confirmam os nossos irmãos e trazem outros novos à Verdade.

Um verdadeiro reavivamento espiritual se fez sentir nestes congressos, em todos quantos tiveram o privilégio de estar presentes.

Todas as reuniões decorreram num verdadeiro espírito de intenso fervor, e notamos que o Espírito de Deus tocou os corações de todos os que nelas tomaram parte.

No fim destes abençoados congressos podemos verificar que o Senhor esteve verdadeiramente com o Seu povo.

A finalizar, apresentamos os dados estatísticos referentes a estes congressos do Campo Missionário do Bongo: presenças — 3.866; dedicações — 120; baptismos — 292.

Embora muito longe destes números corresponderem aos desejos de todos quantos trabalharam neste campo, pois todos desejavam mais presenças, mais dedicações e muito mais baptismos, mesmo assim temos motivo para dar graças ao nosso bom Deus por estes êxitos, podendo ainda dizer com o Profeta: «Até aqui nos ajudou o Senhor». I Sam. 7:12.

Prezados irmãos, orai por este campo que tanto precisa das vossas orações.

Armando Pires

## Congresso do Bongo

Depois de quase tres semanas ausente do Bongo, por ter sido convidado a participar na realização de alguns Congressos do Campo Missionário de Nova Lisboa, regresssei a tempo de assistir à realização do nosso Congresso.

Movimento desusado mas inerente ao acontecimento, muita alegria e, graças a Deus, também muita espiritualidade, alimentada por mensagens calorosas e inspiradas, são, a traços largos, as características do nosso Congresso, realizado dentro da Missão nos últimos dias de Agosto. Tivemos a honra da visita dos irmãos Pastor Ernesto Ferreira, Pastor Jewell, e José Eduardo Rodrigues, que expuseram a Palavra de Deus.

Assistiram ao nosso Congresso 1912 pessoas, tendo respondido ao apelo do culto de Sábado, dando público testemunho de querer seguir a Jesus, 47 almas que o Espírito do Senhor tocou. De assinalar o facto notável

de que, entre essas 47 almas, se contavam 9 europeus!

Na tarde de Sábado realizou-se a cerimónia do baptismo, na qual 42 criaturas, em acto público rep'eto de significação espiritual, deram testemunho de terem morrido para o pecado ressuscitando para servir a Jesus. E assim, 42 novos membros foram recebidos na nossa Igreja! Que o Senhor possa abençoá-los grandemente, que a alegria de pertencerem a Cristo possa permanecer em seus corações dando-lhes paz e confiança n'Aquele que por nós morreu, que a sua experiência cresça e possam ganhar outros para Jesus, e que na próxima vinda do Senhor possam receber a coroa da vida!

A todos quantos assistiram ao nosso Congresso, desejamos sinceramente que as inspiradoras mensagens apresentadas pelos servos de Deus ajudem a ser VERDADEIROS CRISTÃOS.

O. Albuquerque

## Convenção de Obreiros do C. M. do Bongo

De 2 a 8 de Setembro do ano em curso, realizou-se no Instituto do Bongo a Convenção de Obreiros do Campo Missionário do Bongo.

Durante estes dias o Ir. Pastor E. Ferreira, Dr. David J. Parsons e José Eduardo Rodrigues dedicaram o seu precioso tempo a instruir os obreiros nos seguintes assuntos: Actividades do Catequista, Ensino Rudimentar Religioso, Ensino Rudimentar Geral, Doutrinas Bíblicas, O Lar Adventista, Fisiologia e Higiene.

Todas as manhãs tivemos o culto devocional, com pregação pelos pastores e dirigentes das áreas do Campo. Na quarta-feira à noite houve uma reunião de oração.

Além do que está dito, o presidente da nossa União, Pastor E. Ferreira, ensinou muitos jogos e canções que os catequistas iriam ensinar às crianças nas suas catequeses.

Sábado à tarde, das 15,30 às 18,00 horas, realizou-se uma reunião de jovens em que tomaram parte todos os obreiros das diferentes áreas do Campo Missionário. No Domingo, 8, depois de um sermão que o nosso presidente soube dirigir para ânimo e encorajamento dos obreiros, despedimo-nos da nossa Convenção.

Damos graças a Deus por nos ter dado o privilégio de passarmos estes dias de verdadeiro reavivamento das nossas energias para a Sua Causa.

Creio que cada obreiro que assistiu á Convenção procurará durante o ano desempenhar melhor as funções da sua vocação para honra e glória de nosso Senhor Jesus Cristo.

Pedro Balança de Freitas

---

## Visado pela Censura